

Por que a norma deveria ser a regra?
A análise institucional pela psicossociologia e sua aplicabilidade ao
compliance

Guilherme Krueger¹



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Resumo: A partir da expressão “flibusteiro epistêmico” na obra de François Ost, o artigo toma o estilo de ensaio filosófico em passeio por obras romanescas para contextualizar a oportunidade de se agregar competência em psicossociologia para a análise institucional nos programas de compliance. Em particular, o conceito de recalcitrância é introduzido numa abordagem transversal dos signos da brancura em Moby Dick e Bartleby, ambos com autoria de Herman Melville e da escuta em Angústia de Anton Tchekhov, como dispositivos para propôr a clínica de trabalho e o método cartográfico como devir possível na cultura da conformidade legal e integridade moral.

Palavras-chave: Ética do cuidado – análise institucional – clínica do trabalho - compliance

Abstract: From the expression “epistemic freebooter” in the work of François Ost, the article takes the style of philosophical essay on a tour of novels to contextualize the opportunity to add competence in psychosociology to institutional analysis in compliance programs. In particular, the concept of recalcitrance is introduced from a transversal approach of the signs of whiteness in Moby Dick and Bartleby, both authored by Herman Melville and listening in Angústia, by Anton Tchekhov, as devices to propose the work clinic and the cartographic method as becoming possible in the culture of legal compliance and moral integrity.

Key words: Ethics of care - institutional analysis – work clinic - compliance

¹ Advogado e economista especializado em gestão. Mestre em Filosofia (UFRJ) com doutorado em Direito Penal (UERJ). Pesquisador do CPJM.

1. À guisa de introdução, tomemos por ora um começo como nosso.

Assim, passa bem, pobre-diabo de sub-sub, de quem me fiz comentador. Pertences àquela tribo incurável e pálida que vinho algum deste mundo jamais aquecerá e para a qual mesmo o branco xerez seria excessivamente rosado e forte; mas com a qual alguém gosta às vezes de sentar-se e de sentir-se também pobre-diabo; e de tornar-se jovial até as lágrimas; e de dizer-lhes, de olhos cheios e copos vazios, com uma tristeza não de todo desagradável: - Desisti, subs-subs! Pois, quanto maiores sejam os vossos esforços para agradar ao mundo, tanto mais ficareis para sempre sem agradecimento!

Consta dos excertos vestibulares de *Moby Dick*¹. Melville insinuou aqui um tema que retomará com seu *Bartleby*². Entre o vestibular e a intriga tecida num escritório situado em Wall Street, a saga heroica a bordo do Pequod face o Leviatã albino. Amplamente explorada no copiadador recalcitrante num ambiente onde se exerce advocacia³, a mimese sugerida em *Moby Dick* parece ligar-se à de Akaki Akakievitch, um escrevente peripatético de uma repartição pública de São Petersburgo que fora retratado anos antes por Gógol em *O Capote*.

¹ MELVILLE. Herman. *Moby Dick*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo : Abril, 1972. p. 13.

² MELVILLE, Herman. *Bartleby, o Escrevente*. In: Giorgio Agamben. *Bartleby ou da contingência*. Trad. Vinícius Honesko. Belo Horizonte : Autêntica, 2015. pp. 57-105

³ “Bartleby”, disse eu, “Ginger Nut está fora; não quer dar um pulo até os Correios (não levava mais que três minutos) e verificar se há alguma coisa para mim?”

“Preferiria não”.

“Você não quer?”

“Prefiro não”

Cambaleei até a minha mesa e sentei-me ali em profunda reflexão. Minha cega obstinação estava de volta. Havia qualquer outra coisa que eu pudesse fazer para ser humilhanamente contrariado por esse descarnado ser sem vintém, meu funcionário? Que outra coisa haveria, perfeitamente razoável, que ele com certeza se negasse a fazer?

“Bartleby!”

Nenhuma resposta.

“Bartleby”, num tom mais alto.

Nenhuma resposta.

“Bartleby”, gritei.

Como um verdadeiro fantasma obediente às leis da invocação mágica, ao terceiro chamado ele apareceu na entrada do eremitério.

“Vá à sala ao lado e diga para Nippers para vir até aqui.”

“Prefiro não”, disse, devagar e com respeito, saindo calmamente.

“Muito bem, Bartleby”, disse eu, num tom abafado de voz, serenamente severo e seguro, insinuando o inabalável propósito de alguma terrível e iminente retaliação. Tinha em mente, naquela hora, algo mais ou menos assim. Mas, no geral, como se aproximava a hora do almoço, achei melhor, muito abalado pela perplexidade e pela confusão mental, pôr o chapéu e, dando o dia por encerrado, ir para casa.

MELVILLE. Ob cit. 2015. Pp. 74-75

Em comum, em cena, o escritório como ambiente de trabalho – local paradigmático das questões éticas subjacentes nos respectivos enredos⁴.

Não é gratuito que o titã seja albino. A brancura de Moby Dick sintetiza num símbolo a tensão dramática da narrativa. Toda dramaticidade da ficção romanesca perpassa a aniquilação de uma crença nas peripécias da pessoa⁵. Em Moby Dick, numa sutil experimentação de Melville, o drama se desborda do romance e alcança o leitor. A tensão se revela a partir da prefiguração cultural da brancura identificada com o esclarecimento, paz e cura, conquanto a brutalidade do cachalote em choque com a obsessão do capitão Ahab até a culminância da aniquilação de Pequod e sua tripulação refigure dramaticamente este signo pictórico: de confortante, a brancura resta assustadora.⁶ A palidez inquebrantável tanto em

⁴ Não se podia dizer que não lhe dessem uma chance. Certo chefe, reparando nele, desejou premiá-lo por seu longo e atento serviço e mandou-o refazer um relatório de um caso já concluído e que deveria ser remetido a outro departamento. Era coisa simples: mudar alguns verbos da primeira para a terceira pessoa e fazer um cabeçalho, mas isso lhe causou tanta preocupação que ele começou a suar e finalmente disse: - Não, prefiro que me dêem algo para copiar. E desde então o deixaram copiando eternamente.

(...)

De tempos em tempos molestava-o um vento frio e ele era obrigado a levantar a gola de seu casaco, protegendo o pescoço. Súbito o personagem importante percebeu que alguém o agarrava pela gola. Virou-se para trás, viu um funcionário com uniforme surrado e reconheceu imediatamente Akaki Akakievitch. O pavor que sentia aumentou consideravelmente quando fantasma falou, com sua boca cheirando a túmulo: - Ah, finalmente achei-o. É de seu capote que estou precisando! Não quis incomodar-se pelo meu. Agora fico com o seu. O tal personagem era famoso por seu caráter firme, de modo que todos diziam: “Este sim é um homem que se preze!”, mas naquela oportunidade ele se borrou todo. Jogou o capote para o lado e gritou para o cocheiro: - Toca para casa! Rápido!

GÓGOL, Nicolai. *O Capote*. Adaptação de Gian Danton. Disponível em <https://lelivros.love/book/baixar-livro-o-capote-nikolai-gogol-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> Acesso em 19/12/2021.

⁵ Notem que nós rimos, suspiramos, choramos e nos surpreendemos à medida que os desdobramentos da peça revelam a tolice das visões que antes sustentávamos. Este é o poder da dramatização, seja ela da piada do toc-toc ou da tragédia shakespeariana: vemo-nos diante de uma declaração definida, como, por exemplo: “não existe nada no mundo capaz de me fazer duvidar da castidade de minha esposa”. E nós a acompanhamos, passo a passo, até ela ser derrotada e, assim, somos levados a reconhecer a trágica (ou cômica) inutilidade de nosso processo de racionalização. Ao final desse processo (seja na piada, seja na peça, somos aliviados da carga de repressão que esse conhecimento nos causava).

MAMET, David. *Teatro*. Trad, Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2014. p. 79

⁶ Num dos capítulos mais célebres de Moby Dick, intitulado *The whiteness of the whale* (A brancura da baleia), Ishmael, em outra de suas aparentes digressões, esboça uma espécie de teoria sobre as reações que a brancura da baleia provoca nos marujos que com ela se deparam. Em poucas palavras, o branco, presente de forma intensa na baleia, embora via de regra associado a elementos nobres como o vestido da noiva e a benignidade da velhice, na verdade é capaz de incutir “[...] mais de pânico na alma do que o vermelho que amedronta o sangue”. Segundo o narrador, há algo na brancura que, “[...] quando divorciada de associações benévolas, e em par com um objeto terrível, agrava o terror ao seu limite mais extremo”. Se a lista de virtudes associadas ao branco é imensa, o mesmo pode ser dito sobre os eventuais terrores acionados pela cor: “[...] veja o urso polar, e o tubarão branco dos trópicos; que outra coisa senão sua brancura lisa ou encarquilhada faz com que sejam os horrores transcendentais que são?”. Em suma, longe de atuar de modo estável, a simbologia do branco tremula de um espaço para outro, e nos mares, a brancura da baleia provocaria ‘um horror impreciso e inominável’.

Ora, Ishmael inicia sua avaliação das dimensões simbólicas do branco para, no fim das contas, reafirmar um mistério fundamental, um conteúdo inominável que pode despertar desde o amor e o conforto até o “[...] instinto

Moby Dick como em Bartleby se mostra signo que transversa a recalitrância no distanciamento extremo das figurações em seu dimensionamento narrativo; nada menos titânico do que Bartleby: a crônica de um escritório claustrofóbico de advocacia, e não mais uma saga em alto-mar a bordo de um baleeiro⁷.

Pode soar estranho que Deleuze defina a narrativa de Bartleby como uma comédia⁸. Afinal, o desenlace é a morte dele numa prisão, quando então resta revelado um único dado sobre a sua vida pregressa: havia sido funcionário subalterno numa repartição do serviços postais americanos encarregada de destruir as cartas extraviadas depois de recolhidos objetos de valor porventura encontrados em seu interior. A esse respeito, numa observação contemplativa, o advogado anônimo que figura como narrador e interagente com o protagonista

do conhecimento do demonismo no mundo”. Nesse sentido, conforme John Bryant coloca, [...] ao analisar o símbolo da brancura, Ishmael destrói os próprios fundamentos do simbolismo e desfaz o único meio que possui (i.e., sua criatividade) para combater o seu medo do nada. Em outras palavras, uma vez que a atribuição de símbolos constitui uma manobra elementar para que o homem estabilize as forças daquilo que não conhece por inteiro ou que não domina por completo, como os mares ou as baleias, ao expor a agilidade com que o branco se desloca em sua simbologia, Ishmael acaba por comprometer a segurança que o símbolo é capaz de conferir ao desconhecido e, assim, adentra voluntariamente os domínios da incerteza: “[...] embora em muitos de seus aspectos o mundo visível pareça ser feito de amor, as esferas invisíveis foram feitas de medo”

CECHINEL, André; CABRAL, Gladir da Silva. ‘Um pensamento insone’: os perigos do símbolo em Moby Dick, de Herman Melville. *Acta Scientiarum. Language and Culture* Maringá, v. 37, n. 1, p. 49-56, Jan.-Mar., 2015. p. 50

⁷ Tivesse havido a mínima inquietação, raiva, impaciência ou insolência em sua atitude; em outras palavras, tivesse havido nele algo ordinariamente humano, sem dúvida, eu o teria tirado à força do escritório.

(....)

Nada perturba mais uma pessoa sincera do que a resistência passiva. Se quem sofre a resistência não é desumano e quem a oferece é perfeitamente inofensivo em sua passividade, então o primeiro se esforçará, em seus melhores estados de espírito, por caridosamente interpretar em sua imaginação o que se mostra impossível de ser deslindado por seu juízo.

(....)

Rememorava agora todos os mudos mistérios que notara no homem. Lembrei que nunca falava a não ser em resposta; que, embora tivesse, a intervalos, um tempo considerável para si mesmo, nunca o vira lendo – não, nem mesmo um jornal; que por longos períodos ficava à sua pálida janela atrás do biombo, a que dava para a parede cega, olhando para fora; estava quase certo de que nunca frequentara qualquer refeitório ou restaurante, enquanto seu rosto pálido indicava claramente que nunca tomava cerveja, como Turkey, ou nem mesmo chá ou café, como outros homens; que nunca fora, que eu soubesse, a nenhum lugar em especial; nunca saía para caminhar, excetuando-se, na verdade, o caso presente; que se negara a dizer quem era ou de onde viera ou se tinha algum parente no mundo; que, embora tão magro e pálido, nunca se queixara de qualquer doença. E lembrei, sobretudo, de ter notado nele uma certa postura inconsciente de leve - como dizê-lo? – de leve arrogância, digamos, ou melhor, de severa reserva, que com certeza me levava, por receio, a me curvar docilmente às suas excentricidades, quando temia pedir-lhe para fazer a mínima coisa para mim, embora soubesse, por sua longa e contínua imobilidade, que por detrás do biombo ele devia estar postado à janela, num de seus devaneios defronte a parede cega.

MELVILLE. *Ob. cit.* 2015. Pp 69; 72; 80

⁸ DELEUZE, Gilles. Bartleby, ; or, the Formula. in *Essays Critical and Clinical*, trans. Daniel W. Smith and Michael A. Greco. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, pp. 68-90. Disponível em <https://eclass.uoa.gr/modules/document/file.php/ENL474/Criticism/Melville/Deleuze%2C%20Bartleby%3B%20or%2C%20the%20Formula.pdf> Acesso em 19/12/2021

ao longo da narrativa reparou com alguma neurastenia que Bartleby lidava diariamente com a morte através das cartas em via de destruição, já que suas missões vitais restaram frustradas em seu percurso.

Mas, partindo de um filósofo, a definição ganha uma conotação própria. É sabido que Kant costumava contar para seus alunos uma anedota mórbida acerca da decapitação de Thomas Morus. Estadista, diplomata e jurista, autor da célebre Utopia, canonizado pela Igreja Católica. Declarado patrono dos governantes e políticos por São João Paulo II: “*pode-se dizer que viveu de modo singular o valor de uma consciência moral*”⁹. Kant dizia que Thomas Morus voltou-se a seu carrasco e recomendou que, em conformidade ao disposto na sentença de morte, cuidasse para que a sua barba não fosse cortada junto com o seu pescoço. A anedota parece ter algo de Shakespeare. Lembra Pórcia, travestida de advogado que, ao interpretar um contrato conforme as Leis de Veneza, ardilosa e com muita sagacidade literalmente salvou a pele de quem pretendia por esposo.¹⁰ E o senso de humor de Thomas Morus era afamado desde a dedicatória escrita por Erasmo de Roterdão em seu Elogio à Loucura¹¹.

Aí, a comédia a que se refere Deleuze. Bartleby está referenciado nas escolas de Diógenes e Demócrito¹². Especificamente Diógenes tem uma particularidade estilística: seus registros se dão, sobretudo, através de *chrea* – anedota, um gênero literário conhecido desde a Antiguidade. Há uma conhecidíssima anedota contada sobre o encontro entre Alexandre da Macedônia, o Grande e Diógenes, o Cínico. Mas antes de contá-la, oportuno mencionar a lendária passagem de Alexandre pela Frígia, quando se interessou pelo nó górdio. Ele se

⁹ A ele, o então Papa atribuiu um predicado particularmente pertinente a este artigo: integridade moral indefectível. Cf. VATICANO. *Carta apostólica E Sancti Tomae Mori sob forma de motu próprio para proclamação de S. Tomás Moro patrono dos governantes e dos políticos*. Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_20001031_thomas-more.html Acessado em 22/12/2021.

¹⁰ Dispõe-te, assim, para cortar a carne. Mas não derrames sangue, nem amputes senão o peso justo de uma libra, nem mais nem menos; pois se retirares mais ou menos do que isso, o suficiente para deixá-la mais pesada ou leve na proporção, embora, da vigésima parte de um pobre escrúpulo; ou, ainda, se a balança pender um fio, apenas, de cabelo, por isso a vida perdes, ficando os teus bens todos confiscados SHAKESPEARE, William. *O Mercador de Veneza*.

Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000094.pdf> Acessado em 20/12/2021

¹¹ SUZUKI, Marcio. O filósofo que ri e o humorista, segundo Kant. *A Palo Seco*. Grupo de Estudos de Filosofia e Literatura/Universidade Federal de Sergipe. Ano 5, n. 5, Vol. 2, 2013. p. 9. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/5125> Acessado em 08/07/2021

¹² Com os Megáricos, os Cínicos e os Estóicos começam um novo filósofo e um novo tipo de anedotas. Que se leiam novamente os mais belos capítulos de Diógenes Laércio, aquele sobre Diógenes, o Cínico, aquele sobre Crísipo, o estóico. Vemos aí desenvolver-se um curioso sistema de provocações. DELEUZE, Gilles. *A Lógica do Sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo,: Perspectiva/USP, 1974. p. 73.

encontrava no templo de Zeus e atava corda a uma coluna. Alexandre examinou o nó por algum tempo ao fim do qual sacou sua espada e num golpe cortou a corda. Voltando a Diógenes. Alexandre, tendo ouvido falar de sua austeridade extrema, foi visitá-lo em Corinto. Tentou-o com uma oferta que considerava irrecusável. Diógenes respondeu-lhe que só estava interessado no sol, pois Alexandre fazia-lhe sombra e já seria bastante que saísse da sua frente: “*Não me tires o que não me podes dar*”. A insolência provocou reação na escolta de Alexandre, mas este lhes desautorizou com esta sentença: “*Não fosse eu Alexandre, gostaria de ser Diógenes*”.¹³

Esta integridade transversa entre duas escalas incomensuravelmente distantes – Alexandre e Diógenes também se expressa na brancura pela obra de Herman Melville: o Leviatã albino e a palidez de Bartleby. Em sincronia, há algo que liga a lenda de Alexandre e o nó górdio e o desconcerto na brancura por Melville: nos signos, tudo que é jungido pode ser cindido. Mas, é preciso uma energia brutal em cisão. O pensamento, menos é um rio que flui; mais é momentoso como uma abrupta erupção vulcânica. Embora essas figurações não sejam excludentes, ao contrário: a lava escorre e vai freando a devastação até só restar seu estado sólido, enfim encosta fértil; conquanto uma tempestade e a vazante do rio, já caudalosa a restar depois bacias sedimentares, férteis ao sol. O pensamento se torna argumento. Entre pensar e argumentar, a lógica do sentido em signos; na erupção e na tempestade, a recalcitrância em tudo que seja significativo¹⁴.

¹³ PLUTARCO. A vida de Alexandre. *Apud.* Maria Aparecida de Oliveira Silva. Alexandre, o Grande, na escrita biográfica de Plutarco. *Figura: Studies on the Classical Tradition.* Campinas, SP. v. 8 n. 2 pp. 155-184, Jul.-Dec. 2020 pp. 169-170

¹⁴ A gaunt and pallid man has uttered the formula that drives everyone crazy. But in what does the literality of the formula consist? [O pálido e magro homem totalizou a fórmula que leva todos à loucura {I would not prefer to}. Mas, no que consiste a literalidade da fórmula?] (...)

Is this not the schizophrenic vocation of American literature: to make the English language, by means of driftings, deviations, de-taxes or sur-taxes (as opposed to the standard syntax), slip in this manner? To introduce a bit of psychosis into English neurosis? To invent a new universality? If need be, other languages will be summoned into English in order to make it echo this divine language of storm and thunder. Melville invents a foreign language that runs beneath English and carries it off: it is the OUTLANDISH or Deterritorialized, the language of the Whale.

[Esta não é a vocação esquizofrênica da literatura americana: fazer a língua inglesa deslizar dessa maneira por meio de derivas, desvios e subversões da sintaxe? Para introduzir um pouco de psicose na neurose inglesa? Para inventar uma nova universalidade? Se necessário, outros idiomas serão convocados para o inglês a fim de fazê-lo ecoar essa linguagem divina de tempestades e trovoadas. Melville inventa uma língua estrangeira a correr por baixo do inglês e o leva adiante: é a estrangeirização, a desterritorialização - a linguagem da baleia {albina}].

DELEUZE, Gilles. *Ob cit.*, 1997.

2. O que isso tem a ver com Compliance?

Dostoiévski, ninguém melhor, tem a resposta: “*Todos nós saímos de O Capote.*”¹⁵ Nabokov, autor da hoje quase insuportável narrativa de *Lolita* para qualquer programa de compliance, complementa:

A grande literatura beira o irracional. Hamlet é o sonho tresloucado de um intelectual neurótico. “O capote”, de Gógol, é um pesadelo grotesco e sinistro, que cria buracos negros no desenho obscuro da vida. O leitor superficial desse conto verá nele apenas as patuscadas de um bufão extravagante; o leitor solene assumirá que o propósito básico de Gógol era denunciar os horrores da burocracia russa. Mas, nem a pessoa que só quer dar uma boa risada nem a que aprecia livros “que fazem pensar” compreenderão a verdadeira natureza de “O Capote”. Dê-me o leitor criativo: esse conto foi feito para ele.¹⁶

François Ost quem mais enfatiza a relação existente entre “isso” e o Direito:

(...) a prosa livre do literato – um “flibusteiro epistemológico” – o aproxima geralmente mais das complexidades do trabalho de campo que muitos saberes acadêmicos. Essa “indisciplina” literária que se insinua nas falhas das disciplinas excessivamente bem instituídas realiza assim um trabalho de interpelação do jurídico, fragilizando os pretensos saberes positivos sobre os quais o direito tenta apoiar sua própria positividade.

Nesse real movediço e complexo, o direito faz escolhas que se esforça por cumprir, em nome da “segurança jurídica”, à qual atribui a maior importância. Entre os interesses em disputa, ele decide; entre as pretensões rivais, opera hierarquias. Assim o exige sua função social que lhe impõe estabilizar as expectativas e tranquilizar as angústias. Livre dessas exigências, a literatura cria, antes de tudo, a surpresa: ela espanta, deslumbra, perturba, sempre desorienta.¹⁷

É tanto manual; é tanta norma redigida ontem à tarde desde a última reunião de equipe de compliance, que sobra pouco tempo ainda hoje para a leitura da grande literatura: coisa que só parece útil até passar em exames admissionais, pois haverá sempre dados mais úteis ao processamento normativo no interesse das organizações. Elas demandam urgentemente esses dados e processos. Para ontem! Gritam marcadores vermelhos nos cronogramas.

Flibusteiros epistêmicos – a começar por Gógol, passando por Dostoiévski e Melville até Tchekhov e Joyce - anteciparam o que a especulação filosófica e só depois a pesquisa empírica pôde constatar: a razão não se relaciona diretamente com isso que se lhe apresenta,

¹⁵ CAVALIERE, Arlete. A arte de Gogol. <https://revistacult.uol.com.br/home/a-arte-de-gogol/> Acessado em 20/12/2021.

¹⁶ NABOKOV, Vladimir. *Lições de literatura russa*. Trad. Jorio Dauster. São Paulo : Fósforo, 2021, p. 213

¹⁷ OST, François. *Contar a Lei: As fontes do imaginário jurídico*. Trad. Paulo Neves. São Leopoldo : Unisinos, 2004. p. 15.

porque “mundo” só aparece à consciência já emergente com padrões inconscientes – as estruturas impressas em linguagem. Se essas estruturas possuem padrões, elas são radicalmente compositivas. Sendo composição, não respondem funcionalmente pela causalidade tão própria da análise das escolhas, mesmo que se considere a ausência de invariância na racionalidade sempre limitada às situações, tal como exaustivamente demonstrada pela teoria dos jogos e a economia comportamental. Então, por mais que as razões amplamente inculcadas por treinamento e capacitações forcem adesão de uma cultura organizacional à ética desenhada em manuais, esboroam-se elas mais tarde num moralismo codificado: motivos e discursos corretos, mas não ética. A não ser, claro, que se tome por ética isso que seja positivado como uma régua de correção moralizante. Mesmo que se tente sintetizar uma ética mínima. Esse mínimo continuará a ser o que é: não uma metaética, mas uma régua moralizante. E toda moralização pode ser desmoralizada sem se perder a ética de perspectiva. *Óbvio ululante*, repetia Nelson Rodrigues, depois de nos apresentar *Bonitinha, mas Ordinária*¹⁸: tão imortal como mortífera a qualquer ação moralizante. Sempre será possível se esconder nalgum porão institucional um flibusteiro epistêmico disposto a isso. Por mais que as equipes de compliance se empenhem, reconhecendo-o como não aderente ao programa, a caçá-lo como inquisidores laicos dos tempos atuais. Dostoiévski profetizou isso na sua famosa parábola do Grande Inquisidor¹⁹: como conviver com tamanho abalo ao poder da equipe?!

Todos os programas de compliance exaltam a ética nas respectivas organizações, mas muitos flertam, quando não se deitam descaradamente na alcova dos moralismos. Talvez Roger Scruton tenha dado uma pista para pegar o problema, haja vista o viés utilitarista que permeia os discursos usuais sobre compliance (cujos anglicismos que salpicam *ad nauseam* os textos acerca já infiram ser este conceito tributário da tradição de pensamento anglo-saxão):

Para filósofos como Hutcheson e Hume, a estética torna-se uma questão de “sentimento”: de gostar mais disto que daquilo. O gosto é um segmento isolado e inexplicável da psicologia humana, e se trata simplesmente de um fato curioso, mas

¹⁸ Óbvio Ululante é uma expressão popularizada pelo jornalista e aproveitada como título de uma coletânea publicada de crônicas suas em 1968, conquanto a sua peça dramática *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas Ordinária* estreara em 1962. Com uma referência à frase *o mineiro só é solidário no câncer*, esta obra explora os caminhos e descaminhos da moralidade e da ética corporativa e doméstica entre aparências e descobertas; interesses e desejos.

¹⁹ - És Tu, és Tu? - E, como não recebe resposta, acrescenta rapidamente: - Não digas nada, cala-Te. De resto, que poderias Tu dizer? Já o sei de mais. Não tens o direito de juntar uma palavra ao que disseste outrora. Porque vieste incomodar-nos? Bem sabes que nos incomodas.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Irmãos Karamazov*. Trad. Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953, p. 485.

filosoficamente desinteressante, que os seres humanos gostem de determinadas coisas (como tragédias, morangos e bom tempo) e tenham aversão por outras. (...) Sem possuir uma filosofia do pensamento e do sentimento capazes de tornar nossa experiência de arte inteligível, parecia natural a esses filósofos que a apreciação estética não tivesse lugar na parte intelectual da mentalidade humana (...)

A filosofia analítica contemporânea herdou as debilidades de suas origens empiristas. Houve poucas obras de estética filosófica no séc. XX capazes de lançar qualquer esclarecimento sobre o assunto, e muitas daquelas que o fazem (...) tomam do idealismo sua estrutura conceitual.²⁰

O empréstimo do idealismo é típico da outra vertente, mais plástica, dos discursos usuais sobre compliance: o pragmatismo. Por ele, lidamos com o bem driblando o sublime ao nos orientarmos do fim ao princípio e daí voltarmos ao bem-estar: aí o bem ético não precisa ser diferenciado do estético nas teorias do Estado democrático e da regulação na economia de mercado; o Direito então se contenta com o conceito de sustentabilidade para delimitar um corte de legitimidade: bastante tomar por antijurídico os prazeres perversos - aqueles que infiram dano efetivo ou potencial, ainda que em abstrato a outrem ou à sua dignidade humana, ao patrimônio ou ao meio ambiente²¹. A estética, no entanto, vai retraída diante do ético no discurso tributário do utilitarismo e seu corolário, uma forma de pragmatismo que chamarei de continente²²; discurso este que permeia toda a literatura de *guidelines* presente nos programas de conformidade legal e integridade moral. Mas, o bem estético, mesmo retraído, é presente embolado ao ético: entre razões e interesses nas condutas objetivadas, as ambiguidades

²⁰ SCRUTON, Roger. *Arte e Imaginação*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2017. Pp 9-10.

²¹ Cf. TOURINHO, Saul. *Direito à Felicidade: história, teoria, positividade e jurisdição*. Tese de doutorado. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Figueiredo. São Paulo : PUCSP, 2013 p. 217 e ss.

Pero, ¿qué significan ya «virtud» y «felicidad», tras esta intrincada historia? Dejando el tema por imposible en una sociedad totalmente desfigurada en sus deseos y aspiraciones, las éticas de nuestro momento suelen limitarse, o bien a calcular juicios de bienestar social que sean aceptables por todos (lo cual no cambia gran cosa el sistema), o bien a ocuparse en justificar normas. Las éticas deontológicas, contra lo que cabía esperar a principios y mediados del siglo, están de nuevo en auge y renuncian a hablar de la felicidad.

Tanto Apel como Habermas han ofrecido algunas de las razones de semejante reducción, que podrían resumirse en las siguientes:

- 1) una ética crítico-universalista no puede ni quiere prejuzgar dogmáticamente la felicidad de los individuos, sino dejar la decisión en sus manos;
- 2) una ética crítico-universalista tampoco se conforma con el *relativismo* al aceptar la pluralidad de formas de vida nacidas de los diferentes ideales de felicidad, porque admite y potencia las diversas ofertas de «vida buena», pero no acepta diversos principios de la justicia; en caso de conflicto entre distintas formas de vida, han de someterse a las restricciones impuestas por principios universales, legitimadores de normas;

CORTINA, Adela. *Ética mínima*. 6ª Ed. Madrid : Tecnos, 1986 p. 138

²² Chamo de continente para diferenciá-lo do pragmatismo nômade, de Gilles Deleuze, este indelevelmente referenciado na estética e amplamente exposto na obra *Mil Platôs*, escrito em coautoria com Felix Guattari. Este pragmatismo nômade impregna o presente artigo.

tortuosas seguem manifestas nos desejos contraditórios a patologizarem tudo que já veio como diagnóstico e tratamento; matrizes funcionais de riscos e sistemas de gestão. Quão normal é alguém da equipe de compliance responder à pergunta banal de saudação: “oi, faz tempo que não te vejo, como vai?” “Na correria de sempre”, com aquele meio sorriso narcísico de quem ao responder assim, se sente comunicando ao outro que está economicamente ativo, e ainda por cima fazendo um bem danado à sociedade e, por que não dizer... à humanidade em geral? Proclamar que oficial de compliance não tira férias é vanglória da sua equipe! Pois bem, a Organização Mundial da Saúde (OMS) deu uma nova classificação para a Síndrome de Burnout (CID 11). Ela passará a ser considerada doença decorrente do trabalho e passa a ser tratada de forma diferente. Por ora, a síndrome de Burnout é considerada ainda como um problema na saúde mental e um quadro psiquiátrico. Mas, a partir de 1º de janeiro de 2022, a síndrome será oficializada como “*estresse crônico de trabalho que não foi administrado com sucesso*”.²³

O que vem transparente continua sendo o aparente sobre uma superfície discursiva lisa. Inescapável; pois sendo linguagem, incontornável que a transparência mostre tanto quanto oculte. O sintoma mais evidente no ambiente corporativo é a celebração da inovação e disrupção tecnológicas numa produtividade exponencial à qual a Lei Geral de Proteção de Dados é caudatária. Quanto mais o sujeito de direito for livre de qualquer heteronomia, maior o volume de normas positivadas que regulam essa liberdade. Eis o paradoxo da liberdade coercitiva em expansão cujo sintoma patológico é a febre performático-produtivo presente na azáfama por protocolos e processos de gestão em conformidade legal e integridade moral.²⁴

²³ Notícia disponível em <http://www.veritae.com.br/noticias/arquivos/noticia%20-%202020623.htm> Acessado em 22/12/2021. A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. O documento é a base para identificar tendências e estatísticas de saúde em todo o mundo e contém cerca de 55 mil códigos únicos para lesões, doenças e causas de morte. Em sua 11ª revisão, a CID fornece uma linguagem comum que permite aos profissionais de saúde compartilhar informações de saúde em nível global. Disponível em <https://www.who.int/classifications/icd/en/> Acessado em 20/12/2021

²⁴ Em certo momento, ele [o protagonista de Memórias do Subsolo] diz algo como “por que a norma deveria ser a regra?”, o que parece ser uma redundância, mas o que ele quer dizer é por que aquilo que chamaríamos de fisiologia deveria ser a regra, e não aquilo que poderíamos chamar de patologia? Ou seja, por que a desordem não poderia ser a constância? É lógico que a oposição entre patologia e fisiologia é complicada, pois entendemos fisiologia como determinados processos bioquímicos que resultam em uma função de determinado órgão. Assim, se introduzirmos um vírus nesse órgão, ele começa a funcionar de forma patológica, ainda que, do ponto de vista do vírus, o que ele está fazendo nada mais é do que realizar sua própria fisiologia. A patologia do órgão, então, pode significar uma dimensão desdobrada da fisiologia do vírus. (...) a vida humana é mero ponto de vista atômico. Não adianta negá-lo, pois estaremos fazendo uma crítica ingênua do relativismo. Temos de atravessá-lo sem na realidade saber o que iremos encontrar do outro lado. Isso não significa que exista, no regime da razão, um oásis onde é possível chegar após essa travessia.
(...)

Aqui talvez mereça menção o conto de Tchekhov com o sugestivo título *Angústia*. Iona é cocheiro disponível ao público transeunte nas ruas. Sabemos logo que seu filho falecera tem poucos dias daquele único narrado no conto. O conto conta as peripécias do personagem para aliviar sua angústia; busca em vão entabular conversa com passageiros e colegas de profissão que aleatoriamente vão surgindo na narrativa; ao fim se contenta em dar expressão à perda sofrida face o seu próprio cavalo. Tchekhov se notabilizou pela concisão de seus textos que, sem diluírem as cores densas, sombrias com que caracterizam seus personagens, expurgam o falatório que foi característico nas polifonias de Dostoiévski. A polifonia está lá, mas resta implícito; é o leitor quem o performa; o que diferentemente em Dostoiévski já vem exaustivo no seu próprio texto. Neste aspecto, Tchekhov se aproxima transverso de Ulisses em Joyce. Ulisses é uma torrente interminável de palavras ao narrar encontros na cidade de Dublin ao longo de 18 horas de para-lá-e-para-cá do protagonista num paralelo estilístico com a Odisseia de Homero²⁵. Joyce lança mão de tantas referências e camadas de sentidos que o leitor é convocado a completar a obra com a sua interpretação pessoal. O estilo é muito diferente do de Tchekhov, que personificou esta máxima: escrever é a arte de cortar palavras. Mas, na escassez delas, acontece exatamente o mesmo: o leitor é convocado a completar a obra com a sua interpretação pessoal. Como Nabokov em *O Capote reparou e tal* como Dostoiévski reconheceu em “*todos nós*”, *Angústia* e *Ulisses* também são obras para leitores criativos.

A estética não é mais uma questão só do belo e do sublime como foi outrora. Na contemporaneidade, ela lida com os múltiplos sentidos compositivos da experiência sensorial. É a margem negativa da empiria. Sendo a experiência sensorial sempre transitória no corpo humano, seu registro não pode ser retido no dado como acontece na observação empírica. Mas, a sua transitoriedade extrema veio a calhar para o caráter expansionista da lógica capitalista. Os bens estéticos demandam produtividade em aceleração, posto que galvanizam na dimensão consumerística o modo de produção legitimado no Estado Democrático no âmbito do bem-estar:

O capitalismo artista designa o sistema econômico que trabalha para estetizar todos os elementos que compõem e organizam a vida cotidiana: objetos, mídia, cultura, alimentação, aparência individual, e também lojas e shopping centers, hotéis e

De acordo com Bakhtin, essa colocação de que a norma poderia ser a patologia, é não o normal ser a norma, consiste no terror moral, justamente o instrumento literário de que Dostoiévski lança mão para dissolver a ideia de lógica identitária.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e profecia*. São Paulo : Leya, 2013, pp. 162-163.

²⁵ Cf. JOYCE, James. *Ulisses*. Trad. Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro : Objetiva, 2005.

restaurantes, centros urbanos, margens dos rios, portos e fábricas desativadas. Ele coincide com a generalização das estratégias de sedução estética, com o desenvolvimento da mise-en-scène da cidade e dos entornos comerciais. E enquanto o universo comercial e urbano está cada vez mais estilizado por arquitetos e designers, se manifesta no consumidor estatizado também em seus gostos e comportamentos. Desse ponto de vista, é todo o mundo material e humano, imaginário e psicológico do consumo que se converteu à ordem estética. Eis-nos no estágio estético do consumo.²⁶

A estética nunca esteve tão presente para o Direito Econômico como agora, mas isso ainda está obliterado pelo predomínio do pensamento anglo-saxão nas formulações discursivas do compliance. Ela se insinua patológica nas exigências de performance que saturam e colonizam o ambiente corporativo, na qual o compliance é mais um cravo cravado nessa ferradura:

O homem apressado (...) que podia representar na euforia da descoberta da velocidade uma forma de romantismo da modernidade, não traduz, num mundo de aceleração contínua, mais do que a imagem de um indivíduo na busca impossível de si mesmo, esgotando-se na corrida sem fim que lhe impõe a mecânica desabalada do sistema.²⁷

3. A análise institucional pela psicossociologia e sua aplicabilidade ao compliance

Qual o limite para uma gestão de riscos? Para os muito pragmáticos, é uma equação de custos, o apetite por ganhos tomado por variante. Mas, há uma questão ética subjacente que relaciona a materialidade do bem estar com a lógica de mercado. A gestão de riscos é um empoderamento sobre a produção empresarial e consumo customizado, ambos orientados para a sustentabilidade socioambiental: a satisfação responsável de todos os desejos como realização sistematizada de sonhos por metas definidas e métodos aplicados. Esse empoderamento para a sustentabilidade parece originário da mesma aspiração humana manifesta nas religiões de matriz abrahâmica pela promessa de vida eterna. Uma subversão laica da presença de Deus.

Colocada a questão assim, aparece então o problema ético da transição do Homo Sapiens ao Homo Deus. Há algo de trágico nisso? Desde que os hebreus começaram a manejar sintaxe e a semântica, pode-se dizer que este seja um risco recorrentemente apontado. Um desses apontamentos recorrentes aparece na alegoria romântica do vampiro gótico. No limite,

²⁶ LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo : Companhia das Letras, 2015, p. 315

²⁷ LIPOVETSKY; SERROY. *Ob cit.* 2015, p. 416.

a concretização sustentável do bem estar é um desejo insaciável de uma vida prolongadamente sem sofrimento. Portanto, sem mortificação - uma aspiração mais estética do que ética. Aí, já é morto-vivo, porque uma vida sem a mortificação é impossível: se desconfigurou como vida.

Compliance é um modo de agregação da integridade moral (1) e conformidade legal (2) na gestão qualificada de alguma organização. Não é qualquer gestão, mas aquela pautada nos riscos e com foco na responsabilidade da governança. Isso atende pelo acrônimo GRC. Faço alusão ao compliance recorrendo aos vocábulos integridade e conformidade em vista da Sociedade Democrática (1) ou o Estado de Direito (2). Mais do que simplesmente identificar stakeholders, trata-se de encontrar o lugar da subjetividade no meio de tanta positividade normativa em produção descrevendo e prescrevendo múltiplas variações objetivas das condutas. Sem este encontro, o compliance, ou se torna um farisaísmo laico, ou se torna patológica de transtornos psíquicos em escala epidêmica, vez que parecem esquecidas as lições de Kierkegaard sobre a angústia.²⁸ Integridade é plano comum em padrões imbricados e proliferantes, não tanto uma questão de processos lineares com resultados previstos para serem corretos. Transversalidade implica numa força analisadora com potencial para desestabilizar o que esteja naturalizado como certo ou errado; o que for dado num “assim mesmo”; é indiciar a iniquidade que caracterize relações de poder e dominação numa organização, sem, no entanto, pressupor que todas possuam os mesmos padrões corporativos por uma hierarquização preconcebida das diferenças. A transversalidade em toda integridade implica menos em dizer o que deve ser feito para se perguntar sobre como fazer.

A cisão conceitual em integridade e conformidade faz aparecer em termos metodológicos algo como as duas faces de Janos. Uma de trás, a conformidade legal, que aqui vou nomear como *coisa em si*. E outra para frente, a *coisa para si*, a integridade moral. A cisão

²⁸ Carneiro Leão, a respeito de Kierkegaard, serve-se da veia cômica dos cínicos para comentar o texto de Kierkegaard. Tudo se passa na narrativa de Abraão preso a uma escolha que não quer fazer: ou infanticídio, ou deicídio. Não há síntese possível nem um meio-termo. Puro ou-ou. Preso a isso, vai subindo o monte com seu filho Isaac, quando este lhe pergunta pelo cordeiro a ser imolado em sacrifício. É preciso pensar que a resposta dada por Abraão foi visceral: “Deus proverá”. É preciso imaginar Abraão angustiado para a narrativa ganhar densidade. É esta angústia a chave para o “plot” na narrativa, quando o Cordeiro de Deus surge “do nada” - um nada que não é um vazio, mas um horizonte de indistinção que se abre ao mistério de Ser. A hermenêutica kierkegaardiana do texto é esta: não há fé prolífica em Ser, sem que ela seja angustiante. Como lembra Carneiro Leão, neste ponto a narrativa bíblica é bastante e já se move para outra passagem. Mas, ressalva: no entanto, o moderno, em sua voracidade intelectual de tudo dominar pela técnica, não se contenta em parar aí. Tem que haver alguma explicação para encaixar. Então, ele dá uma. Volta à narrativa: Isaac volta correndo do alto do monte e apavorado reencontra seus amigos: “o velho endoidou! Com o papo de sacrifício, queria mesmo era me matar! Se eu não sou ventríloquo, estaria morto agora.”

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Filosofia Contemporânea*. Teresópolis : Daimon, 2013, pp. 20-21.

remete as pessoas inseridas numa organização em compliance à pergunta existencial: “*o que doravante fará com você mesmo de tudo que já foi feito até agora?*”. Esta pergunta jamais poderá ser feita num ambiente transparente ou expressando preocupações reputacionais da organização, ou a resposta perderá autenticidade. Em que pese tais ressalvas, é uma pergunta eminentemente ética e a resposta é produção subjetiva, na medida em que convoca o pensamento de si-mesmo (*self*) como outro.

Uma vez que o compliance já esteja implantado, qual o seu devir? Havendo impulso de autopreservação, os profissionais nele engajados vão descrevê-lo numa espécie de tautologia travestida de ciclos baseados nos pilares de sempre. Pilares são fixos para se perfazer uma passagem; apegar-se ao fixo é ir e voltar pela mesma passagem. Qual o problema? A degeneração, tal como Friedrich Nietzsche a conceituou – mais do mesmo só pode se degenerar²⁹. Aqui não há necessariamente um sentido pejorativo usual, mas estritamente filosófico de esconder mais do que mostrar aquilo que se possa chamar de dispositivo. Dispositivos a que me refiro aqui não são descritíveis como representações de um objeto já realizado. São narrados, realizações; experiências de si mesmo como outro.

Aqui, é preciso pensar em termos de imaginário. Aquilo que compartilhamos numa organização (atividade social), quando imaginamos (atividade pessoal) – as subjetividades interagentes. E estamos sempre imaginando, por mais objetivos que possamos nos sentir ao descrever algo a partir de conceitos dados. Cornelius Castoriadis pensou o imaginário como instituinte - uma consolidação qual placa tectônica que se move sempre emergente de um movimento magmático³⁰. Dispositivo é uma ranhura num plano; uma ruga na lisura; uma nota rítmica para uma esquizoanálise (esquizo=separação/distinção) da instituição pelo imaginário.

²⁹ Nietzsche se referia ao aparecimento da metafísica com que a linguagem predominantemente narrativa mítica e trágica desliza em Sócrates para um primeiro começo da filosofia em linguagem injuntiva, seja descritiva, seja prescritiva com a qual desde a Antiguidade vai se cindindo em ética e estética e essa decomposição degenera o pensamento intelectual ao deixá-lo cada vez mais apartado da visceralidade vivida. Nietzsche está em grande medida reagindo à Fenomenologia do Espírito de Hegel, quando propôs distintas possibilidades de pensamento numa linguagem filosófica singular em que ética, estética, política, lógica e metafísica voltam a ser embaralhadas desde a literatura grega pré-socrática. Essas possibilidades simplesmente não se deixam totalizar no sujeito pela dialética hegeliana. O pensado permanece visceral sem restar suspenso (*aufhebung*). Nietzsche antecipa o que virá a ser amplamente desenvolvido no Sec. XX na confluência da fenomenologia e do estruturalismo numa conceituação do corpo (e não o espírito) como locanda fenomênica, eis que deixa de ser encarado como sede de capacidades inatas da categorização e juízo, das impressões sensoriais e da ação prática, que seriam próprias do espírito humano.

³⁰ Cf. CASTORIADIS, Cornelius. *Sujeito e verdade no mundo social-histórico: Seminários 1986-1987 : a criação humana*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro : Civilização brasileira, 2007, p. 112

Um caco genealógico do saber³¹. Pensar o dispositivo é pensar cada um de nós como máquinas desejanter. E o que ele aponta é para o próprio movimento magmático. Nele, os pilares se dissolvem, restam apenas pistas para devir, uma cartografia ainda por fazer.

Há uma técnica cartográfica para distinguir esses dispositivos: a instrução ao sócia pelo qual se exercita as injunções sobre como ele deveria se portar para não descoberto como um impostor. Esta técnica faz pensar o compliance como espaço para uma clínica do trabalho; uma ampliação dos processos investigativos entre gêneros e estilos. O gênero é um corpo imaginário interposto entre corpos psicossomáticos como campos fenomênicos e entre eles e o ambiente de trabalho. Um gênero vincula os que participam de uma situação e avaliam essa situação de uma mesma maneira. Toda atividade em gênero terá algo subentendido além do explicitado. O subentendido se percebe, se espera, se aprecia ou se teme. É o que se deve fazer graças a uma rede de relacionamentos com avaliações pressupostas, sem que se tenha que se especificar; é como uma senha codificada em uso somente por aqueles que se integram ao gênero. O estilo, por sua vez é da ordem da singularização na potência do gênero. A flexibilidade do gênero depende do estilo, uma cadência. O estilo não é contra o gênero, mas não cessa de metamorfoseá-lo nos pontos de fadiga (dispositivos) com a prática no campo de forças e de afetos de onde emergem as mudanças.³²

Métodos quantitativos tendem a inferências de generalização pela inteligibilidade das variáveis em padrões descritos ao lidar com conjuntos imaginados (tratamento de dados); métodos qualitativos tendem, por sua vez, a inferências de particularização ou especificação de grupos sociais ao interagir com seus indivíduos (perspectivas dinâmicas) para apreender suas vivências, comportamentos, representações e linguagens. Métodos qualitativos lidam com palavra manifesta em discurso, norma, valor, símbolo e trama do convívio e variam conforme o modo como se estabelece o campo de pesquisa (relação pesquisador – grupo pesquisado).

O método cartográfico permite que o grupo pesquisado seja tomado também por agentes da própria pesquisa (compartilhamento de preocupações), o foco é então “como acontece” (genealogia ou gramatologia de fenômenos – processo resultante de interações – complexidade

³¹ A genealogia aqui é pensada tal como Foucault; não é uma revisita ao passado, mas sempre fluxo gerador de representações, sendo que ele mesmo, o fluxo, não pode ser representado, mas pode ser perseguido. A genealogia é o *logos* do fluxo.

³² BARROS, Maria Elizabeth; DA SILVA, Fábio Hebert. O trabalho do Cartógrafo do ponto de vista da atividade. In: Eduardo Passos; Virgínia Kastrup; Silvia Tedesco. *Pistas do método da cartografia*. Vol 2. Porto Alegre : Sulina, 2016., pp. 142-143.

constitutiva da especificação) conquanto menos se busque precisar “o que acontece” (análise de objetos) como um elemento distinto do processo de produção (produto de um processo encadeado). A etnografia e a cartografia se distinguem pela intensidade da imersão, ou seja, como se articulam no lugar (ethos); ou seja, como os pesquisadores se implicam com os pesquisados na composição do campo de pesquisa, de modo que a convivência pesquisada seja a convivência do pesquisador na relação com os pesquisados num objeto de pesquisa sempre em construção.³³

Hoje, uma gestão correta em termos de imputação penal é aquela em que se pondera a expectativa de ganhos excelentes com a possibilidade de perdas insuportáveis. Emergiu uma qualificação para a gestão. Não basta gerar resultados positivos. Essa positividade precisa ser sustentável haja vista múltiplos sentidos sócio-ambientais plasmados em figurações transversais ou imbricadas, que são conceituadas como stakeholders: os diversos atores sociais afetados ou envolvidos nessas atividades organizadas. Quanto à integridade moral das empresas, não se trata de necessidades fixas em atividades de natureza criminológica ou criminogência representadas por construções abstratas em um texto injuntivo de salvaguarda do interesse público. Tampouco se trata de negar essas construções, mas em reconhecer que também se lida com narrativas. E toda narrativa é dialógica, senão se reduz a discurso.

A crença recorrente de quem lida profissionalmente com o compliance é a de poder não se identificar com hábitos indesejáveis (vícios) que são cultivados sem uma atenção cuidadosa de seus riscos. Isso o lança no desafio de estabelecer uma rotina que não separa teoria e prática. Mas, isso não é redutível a uma questão de técnica e metodologia. É aí que começa o desafio. Se a formação de um profissional de compliance nunca acaba é porque implica em acompanhar constantemente os efeitos das práticas. Não somente nos outros, na organização para a qual trabalha. Mas, em si mesmo. Pois, o *self* é corpo como campo fenomênico – o aparecimento (de efeitos) *para-si*.

A inteligência artificial - a racionalidade não-substancial não pode substituir a atividade humana em sua dinâmica estímulo-resposta. Por que? A IA não vivencia a visceralidade das práticas. Só pode simular uma pelos testemunhos registrados que processa por algoritmos. É a velocidade do processamento sequencial dos registros que simula uma vivência. Então, a IA

³³ CESAR, Janaína Mariano; DA SILVA, Fábio Hebert; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. In: Eduardo Passos; Virgínia Kastrup; Silvia Tedesco. *Pistas do método da cartografia*. Vol 2. Porto Alegre : Sulina, 2016, pp. 153 e ss.

não lida para-si com a angústia, a contrição, o medo de errar e da traição, a expectativa de fracassos: tudo isso é a descoberta de si-mesmo como outro. E sem essa formação, a ética é só um verniz - esconde mais do que mostra. A ética se desprende da moral, quando se passa e não se encontra o que se espera. Quando o conhecer não é representar objetos, pois o concreto se atualiza em ruptura emocional. Identidades situacionais são modos de agir e perceber em correspondência às situações.

É verdade que processos organizacionais demandam o reconhecimento de características fixas atreladas a condutas – positivamente para uma conformidade homogênea. Mas, quando há essa totalização, o viver deixa de ser neutro. Porque a integridade do agir e do perceber não é dada naquilo que seja dado numa situação. Se a conformidade pressupõe antecipação – eis aí um paradoxo: a integridade não pode ser antecipada. Por isso, somente de um modo incompleto alcançado pelas normas preestabelecidas. Formação é conhecer, agir e criar.³⁴

A gestão de riscos é passar por um fino gelo entre a suspeita e a confiança. Os gestores de compliance correm risco, se desinteressarem pela experiência de se ser íntegro. Isso acontece, quando impõem um modelo heteronormativo de perceber e pensar conformidades, enquanto emulam engajamento e adesão e tomam isso por integridade. Pertinente então se perguntar pela circulação dos diferentes sentidos que assumem os processos de compliance. Os sentidos adquiridos dependem dos modos de sentir e agir mobilizados, quando os processos são estabelecidos, porque eles podem reforçar frustrações e dificuldades; a mobilização nem sempre é compartilhamento e engajamento; nem sempre é cooperação. Os vínculos de confiança envolvem criação partilhada de sentidos, pois além da colocação das questões de conformidade, há novos encontros que se estabelecem. Um plano de integridade é um plano de experiências compartilhadas nas conexões entre sujeitos e mundos. No plano da integridade, a hierarquia da especialização é subvertida. O *ethos* da confiança está no plano da experiência, no manejo de vínculos, e não nos enquadramentos da deliberação baseada em cálculo de resultados. Neste sentido, toda confiança pressupõe alguma indeterminação que difere a coerência da lisura. Neste ponto, engajamento não se reduz a uma oposição à recalcitrância. Eis que a integridade é completude dialógica que tensiona saberes e práticas. Enfim, o plano é

³⁴ POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: Eduardo Passos; Virgínia Kastrup; Silvia Tedesco. *Pistas do método da cartografia*. Vol 2. Porto Alegre : Sulina, 2016, pp.42 e ss.

comum, mas que haja esse coeficiente de indeterminação no espaço do diálogo - uma sintonia amodal (ritmos e velocidades) constituída de afetos e perceptos antes de uma ordem identitária ou representacional. É dessa sintonia que emerge a confiança. O desafio é identificar os dispositivos para esta sintonia, considerando que afetos não se confundem com os sentimentos, nem perceptos com percepções. Confiança não é uma questão de adesão, se não for antes uma questão de cultivo: se for baseado em termos preestabelecidos, não se dá a sintonia, pois esta só se faz com atenção às recalitrâncias que emergem ao longo do caminho. Por isso, a confiança não se baseia em pilares, se não for para ser atento às passagens; às pistas.³⁵

4. Conclusão

Cuidado com a fixação na lisura:

A estética do liso é um fenômeno genuinamente contemporâneo. É só na estética do contemporâneo que o belo e o sublime ficam arruinados. O belo é isolado em sua pura positividade. O sujeito fortalecido da contemporaneidade positiva o belo em um objeto de curtidura. O belo se torna, com isso, o oposto do sublime, que graças à sua negatividade, não provoca nenhuma complacência. A negatividade do sublime, que lhe diferencia do belo, é novamente positivada no momento em que é reconduzida para a razão humana. Não é mais o externo, o totalmente outro, mas uma forma de expressão interior do sujeito.³⁶

Retomemos o sublime na Angústia de Tchekhov. Iona nos convoca ao cuidado. Esse cuidado, é a escuta. Não. Não é escuta o tanto de surveys que a equipe de compliance trate de realizar com os colaboradores da casa; não é due diligence em fornecedores; não são os depoimentos prestados em investigações internas; não é canal para *whistleblowing*. Tudo isso está no campo da coleta e tratamento de dados. Opa, não custa aqui prevenir um mal-entendido... não se trata de minimizar a importância dos procedimentos encimados nos pilares do compliance, mas em reconhecer que permanecem no campo do falatório, ou então estaremos degenerando a organização pela estética da lisura.

³⁵ SADE, Christian; FERRAZ, Gustavo Cruz; ROCHA, Jerusa Machado. O Ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumentos da potência de agir. In: Eduardo Passos; Virgínia Kastrup; Silvia Tedesco. *Pistas do método da cartografia*. Vol 2. Porto Alegre : Sulina, 2016. Pp. 66 e ss.

³⁶ HAN, Byung-Chul. *A Salvação do Belo*. Trad. Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis : Vozes, 2019, p. 27.

Angústia de Thekhov, no entanto, nos convoca para a ética do cuidado. Há então uma diferença entre a ética da responsabilidade³⁷ e a ética do cuidado³⁸. Este, diferentemente da responsabilidade, desconstrói o *sapere audi*, porque enfatiza a abertura pela qual a humanidade existe além das presentidades no cotidiano público orientadas unicamente pela razão dada, seja pela via transcendental (Kant), seja pela via histórico-social (Hegel), seja pelo via dos discursos (Habermas). Trata-se de uma ética orientada a erigir teórica e empiricamente fundamentos primordiais para a resolução não violenta de conflitos. Há uma inversão gramatológica com relação à responsabilidade. Ou seja, o cuidado de perceber e de aliviar a aflição real e reconhecível é a coerência ética da responsabilidade. A responsabilidade deriva do cuidado, e não o contrário.

Em termos paradigmáticos, a ética do cuidado se referencia nas figuras feminina e maternal³⁹, uma vez que, nelas, sempre problemática a injunção do mínimo ético em promover a autorrealização ao respeitar os direitos dos outros. A geração da vida no ventre de uma mulher coloca em xeque a separação do si-mesmo como primórdio da condição humana; separação esta que pressupõe a relação com outros se apoiando na vida autônoma. A partir dessa autonomia que se dá a interdependência pessoal. Esse pressuposto está presente de alguma forma no contratualismo, no utilitarismo, no racionalismo, na fenomenologia e epistemologia transcendentais, no historicismo e pragmatismo dialéticos, na psicanálise freudiana, no construtivismo – todos eles embicam de um jeito ou de outro para a ética da responsabilidade, que tende a focar primordialmente nos conflitos e nas disputas por direitos a serem solucionados por abstrações.

Na ética do cuidado, o relacionamento íntimo é o dado primário, não é derivado da separação dos agentes. Os conflitos de responsabilidade são pensados pela subjacência do cuidado que erige a mutualidade e volta-se mais para as consequências psicológicas que são perceptíveis nas narrativas do que em textos injuntivos, sejam descritivos, sejam prescritivos. Porque as narrativas logram melhor expor as diferenças de esforços em ser o que tem de vir a

³⁷ Em Kant, o agir autenticamente ético deve dá de acordo com regras racionais, independentemente da consideração dos fins. A ética que se apresenta num agir voltado aos fins é influência do utilitarismo de um lado e historicismo hegeliano, de outro.

³⁸ A ética do cuidado é comumente atribuída à Foucault. Mas, ele se mostra, neste ponto, influenciado por Heidegger conforme se pode constatar em sua série de conferências de 1982 no Collège de France, intituladas *Hermenêutica do sujeito*.

³⁹ GILLIGAN, Carol. *Uma Voz Diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Trad. Nathanael C. Caixeiro Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982, p. 183

ser em todo conflito e em toda disputa antes mesmo de ter predeterminadas as responsabilidades e a normatividade.

A segurança, tal como pensada por Donald Woods Winnicott pode ser compreendida neste contexto ético do cuidado. Ela é erigida a partir da relação de amadurecimento da criança em sua íntima relação com a mãe suficientemente boa. Para Winnicott, amadurecimento tem a ver com a distinção entre ambiente e o outro, o que só acontece a partir da presença da mãe, ou de quem que exerça substitutivamente essa presença do cuidado. Ele é pensado a partir da existência psicossomática da pessoa (corpo como campo fenomênico) para a existência social que tem de ser. Mas em sincronia com a provisão ambiental desempenhada primariamente pela mãe em sua devoção existencial que também tem de ser confiável. Ser humano, portanto, está aí para o cuidado no ter que amadurecer. Para tanto, a mãe precisa se deixar objetificada e suportar que o bebê se identifique com ela ao mesmo tempo em que a usa: não há aí separação corpórea em campos fenomênicos distintos. Para um bebê, quanto mais precoce, mais a ausência da mãe é a ausência de si. Seu amadurecimento é perceber que a ausência da mãe não seja uma quebra de confiança na existência de si. Estabelece-se a primeira noção de tempo, pela qual há confiança que sua ausência não seja sua falta, o que enseja o aparecimento criativo de sua própria subjetividade com o qual vai enriquecendo sua relação com o mundo que então se diferencia da mãe a partir do aparecimento fenomênico de outros objetos para si e de outros vínculos afetivos com pessoas que se lhe apresentam distintos para suas necessidades percebidas, que vão se diferenciando também. Confiança é primeiro uma experiência de continuidade existencial para ser si-mesmo diante do mundo e dos outros. O cuidado então propicia a experiência de ser, o que é muito diferente de pensar o cuidado como decorrência de ser. O bebê é a mãe e então vai deixando de sê-lo no seu amadurecimento; a mãe não está lá desde sempre como responsável para atendê-lo, pois o bebê, como indivíduo autônomo, nunca existe num primeiro momento. Os cuidados que são dispensados pelo pai, família, comunidade e sociedade são continuidades enriquecidas e enriquecedoras desse cuidado primordial. O que diz sobre ser suficientemente bom: a continuidade para ser quem tem que ser si-mesmo no amadurecimento psicossomático e ambiental para as escolhas pessoais e continuidade humana, sem a qual qualquer imaginário não pode existir. Isso acontece, quando a criança se dá conta que provoca dano à mãe e se compadece dela. No compadecimento, urge nela dar de si à mãe, tornando ela própria também cuidadora:

Alcançando a maturidade na idade adulta, o indivíduo sadio tornar-se-á capaz de cuidar, por exemplo, dos seus próprios filhos ou ir criando ou recriando a máquina democrática, que é a base da sociedade saudável (...). Essas capacidades não são redutíveis às virtudes que favorecem a realização de uma vida boa nem à legislação puramente racional determinante da vontade boa (Kant), tampouco à legislação imposta pelos grupos sociais (Piaget, Kohlberg) ou pela vontade paterna (Freud). O cuidado do indivíduo para com os outros surge do próprio movimento do amadurecer. O concernimento pelos estragos somáticos e psíquicos causados pelo uso excitado da mãe não é nem pode ser ensinado. É uma preocupação que o indivíduo desenvolve espontaneamente, em virtude da tendência à integração inata, desde que, antes disso, ele foi atendido pelos cuidados ambientais (nesse caso, maternos) de forma suficientemente boa.⁴⁰

Em jogo aqui é a relação entre a aceitação e a imposição da responsabilidade. E, portanto, entre o poder-ser e o dever-ser. O cuidado não é simplesmente provimento obrigatório de necessidades mínimas do bebê. O cuidado repassa o poder-ser de geração em geração. Ele não está baseado, portanto, numa virtude ou na lei, mas no próprio existir em corpo presente de alguém que já é si-mesmo e outrem que está aí e torna a sê-lo numa relação radicalmente assimétrica e só abstratamente alcançará na vida adulta alguma simetria em termos da cidadania.

O respeito à ordem social e econômica constitucional, por mais abstrata que seja em seus valores, princípios e regras, nunca deixa de ser um desdobramento do compadecimento para com a mãe e sua mediação se faz no amadurecimento de si-mesmo pela tradição do imaginário, através das famílias e comunidades em suas narrativas, rotinas domésticas e visões de mundo, bem como códigos de conduta que as permeiam até a configuração do convívio composto em sociedade. Pela ética do cuidado, a questão fundamental que se apresenta ao funcionalismo penal, então passa pela quebra e restabelecimento da confiança a fim de prevenir e curar distúrbios emocionais que desestabilizam o convívio sócio-econômico entre adultos que foi amadurecido desde as respectivas infâncias: os dramas narrados dizem tanto quanto os

⁴⁰ [A] bondade da mãe não é apenas utilitária, ela tem uma dimensão explícita ontológico-existencial, visto que diz respeito à constituição e à continuidade do poder ser dos seres humanos no mundo. A responsabilidade para com esse tipo de bondade não passa pelo intelecto e não pode ser ensinada. A bondade materna não é apenas, nem essencialmente, um problema do agir racional. Nem consiste em propiciar a *eudaimonia*. Não há critérios que garantam às mães serem bem sucedidas: só há indicações genéricas, baseadas não no saber objetificante da razão teórica ou prática, mas na natureza humana exemplificada nas mães. A linguagem objetificante do discurso científico e moral dos adultos não se aplica à *intimidade* entre a mãe e o bebê. De resto, no mais das vezes, as mães podem dispensar esse tipo de conhecimento.

LOPARIC, Zeljko. A ética da lei e a ética do cuidado. In: _____. (org.) *Winnicott e a ética do cuidado*. São Paulo: DWW, 2013, p. 20-21.

códigos de conduta racionalmente dispostos na prefiguração, configuração e refiguração que dizem dos arcos hermenêuticos – a tríplice mimese proposta por Ricoeur na continuidade em ser entre identidades e diferenças de si em si-mesmo⁴¹: a vivência primordial do amadurecimento de si-mesmo como outro desde a maternidade.

A ética do cuidado nos convida ao dever da cultura de conformidade legal e integridade moral na gestão de pessoas. Que se insinua numa clivagem do direito preventivo e da engenharia de processos: a clínica do trabalho⁴². Desde já ressalvo que a clínica do trabalho não se situa nas chamadas normas de segurança e saúde do trabalho. A clínica não é protocolar; ela se situa na análise institucional que vai encontrando pelos métodos etnográficos e cartográficos suas pistas das forças, tensões e afetos num cotidiano de trabalho. Isso só é possível quando a escuta deixa de ser mais um dispositivo para produzir dados entre tantos dados que já produzimos em frenesi. O dispositivo então se relaciona, ao contrário, com a recalcitrância - aquela mesma da fórmula em Bartleby (*I would prefer not to*):

A recalcitrância ou resistência é a capacidade que os objetos têm de discordar a respeito daquilo que é dito deles, levantando novas questões, tensionando os saberes e as práticas. Nas pesquisas com humanos, a relação com a recalcitrância não é apenas uma questão epistemológica, relativa aos modos de conhecer, mas também ética, relativa ao reconhecimento e à valorização da experiência do outro. (...) Para que a recalcitrância não seja vivida como ruptura ou quebra de relação, é preciso confiar, qualificando a resistência mais como um vetor de diferenciação, um convite para criar novas possibilidades, o que permite que os atores envolvidos na pesquisa reposicionem um em relação ao outro. A questão da confiança nos permite integrar os dois aspectos, o ético e o epistemológico, apostando, ao mesmo tempo em novas práticas de conhecimento e novos modos de existir.⁴³

Estaremos então dando uma resposta à altura do desafio lançado pelo ressentido protagonista anônimo de Memórias do Subsolo: “*por que a norma deveria ser a regra?*”⁴⁴

⁴¹ Cf. RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Vol. 1. São Paulo: Papirus, 1994.

⁴² BARROS; DA SILVA. *Ob cit.*, 2016, pp.131 e ss

⁴³ SADE; FERRAZ; ROCHA. *Ob. cit.* 2016, pp. 79-80

⁴⁴ “Não é possível!”, vão gritar-vos, “não podeis rebelar-vos; isto significa que dois e dois são quatro! A natureza não vos pede licença; ela não tem nada a ver com os vossos desejos nem com o fato de que as suas leis vos agradem ou não. Deveis aceitá-la tal como ela é e, conseqüentemente, também os seus resultados. Um muro é realmente um muro... etc etc.” Meu Deus, que tenho eu com as leis da natureza e com a aritmética, se, por algum motivo, não me agradam essas leis e o dois e dois são quatro? Está claro que não romperei esse muro com a testa, se realmente não tiver forças para fazê-lo, mas não me conformarei com ele unicamente pelo fato de ter pela frente um muro de pedra e de terem sido insuficientes as minhas forças. Até parece que semelhante muro de pedra é realmente um tranquilizador e que de fato contém alguma palavra para o mundo, só porque constitui o dois e dois são quatro. Oh, absurdo dos absurdos! Não é o mesmo tudo compreenderdes, tudo aprenderdes, todas as impossibilidades e muros de pedra; não vos conformardes com nenhuma dessas impossibilidades e muros de pedra, se vos repugna a resignação; atingirdes pelo caminho das

5. Bibliografia

BARROS, Maria Elizabeth; DA SILVA, Fábio Hebert. O trabalho do Cartógrafo do ponto de vista da atividade. In: Eduardo Passos; Virgínia Kastrup; Silvia Tedesco (org). *Pistas do método da cartografia*. Vol 2. Porto Alegre : Sulina, 2016.

CASTORIADIS, Cornelius. *Sujeito e verdade no mundo social-histórico: Seminários 1986-1987 : a criação humana*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro : Civilização brasileira, 2007

CECHINEL, André; CABRAL, Gladir da Silva. ‘Um pensamento insone’: os perigos do símbolo em Moby Dick, de Herman Melville. *Acta Scientiarum. Language and Culture*. Maringá, v. 37, n. 1, p. 49-56, Jan.-Mar., 2015.

CESAR, Janaína Mariano; DA SILVA, Fábio Hebert; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. In: Eduardo Passos; Virgínia Kastrup; Silvia Tedesco (org). *Pistas do método da cartografia*. Vol 2. Porto Alegre : Sulina, 2016.

CORTINA, Adela. *Ética mínima*. 6ª Ed. Madrid : Tecnos, 1986

DELEUZE, Gilles. *A Lógica do Sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo : Perspectiva/USP , 1974.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Irmãos Karamazov*. Trad. Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

_____. *Memórias do Subsolo*. 6ª ed. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo : 34, 2009.

combinações lógicas inevitáveis as conclusões mais ingóbeis sobre o tema eterno que se tem certa culpa mesmo do muro de pedra, embora, mais uma vez, seja bem evidente que não se tem qualquer culpa e, em consequência disto, rangendo os dentes em silêncio e com impotência, imobilizar-vos voluptuosamente em inércia, sonhando que não há contra quem ter rancor; que não se encontra um objeto e que talvez nunca se encontre; que há nisso uma escamoteação, um fraude, uma trapaça, simplesmente uma repugnante confusão, não se sabe o quê, não se sabe quem, mas que apesar de todas estas ignorâncias e fraudes sentis uma dor, e quanto mais ignorais, tanto mais sentis essa dor!

“Ha, ha, ha! Depois disso, o senhor encontrará prazer mesmo numa dor de dentes!”, exclamareis rindo.

DOSTOIÉVSKI. Fiódor. *Memórias do Subsolo*. 6ª ed. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo : 34, 2009, pp. 25-26

GILLIGAN, Carol. *Uma Voz Diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1982

HAN, Byung-Chul. *A Salvação do Belo*. Trad. Gabriel Salvi Philopson. Petrópolis : Vozes, 2019.

JOYCE, James. *Ulisses*. Trad. Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro : Objetiva, 2005

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo : Companhia das Letras, 2015

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Filosofia Contemporânea*. Teresópolis : Daimon, 2013

LOPARIC, Zeljko. A ética da lei e a ética do cuidado. In: _____. (org.) *Winnicott e a ética do cuidado*. São Paulo: DWW, 2013

MAMET, David. *Teatro*. Trad, Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2014

MELVILLE. Herman. *Moby Dick*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo : Abril, 1972.

_____. Bartleby, o Escrevente. In: Giorgio Agamben. *Bartleby ou da contingência*. Trad. Vinícius Honesko. Belo Horizonte : Autêntica, 2015.

NABOKOV, Vladimir. *Lições de literatura russa*. Trad. Jorio Dauster. São Paulo : Fósforo, 2021.

OST, François. *Contar a Lei: As fontes do imaginário jurídico*. Trad. Paulo Neves. São Leopoldo : Unisinos, 2004.

PLUTARCO. A vida de Alexandre. *Apud.* Maria Aparecida de Oliveira Silva. Alexandre, o Grande, na escrita biográfica de Plutarco. *Figura: Studies on the Classical Tradition*. Campinas, SP. v. 8 n. 2 pp. 155-184, Jul.-Dec., 2020

PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e profecia*. São Paulo : Leya, 2013.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: Eduardo Passos; Virgínia Kastrup; Silvia Tedesco (org). *Pistas do método da cartografia*. Vol 2. Porto Alegre : Sulina, 2016.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Vol. 1. São Paulo: Papyrus, 1994

TOURINHO, Saul. *Direito à Felicidade: história, teoria, positividade e jurisdição*. Tese de doutorado. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Figueiredo. São Paulo : PUCSP, 2013

SADE, Christian; FERRAZ, Gustavo Cruz; ROCHA, Jerusa Machado. O Ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumentos da potência de agir. In: Eduardo Passos; Virgínia Kastrup; Silvia Tedesco (org). *Pistas do método da cartografia*. Vol 2. Porto Alegre : Sulina, 2016,

SCRUTON, Roger. *Arte e Imaginação*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2017.

5.1 Links

CAVALIERE, Arlete. *A arte de Gógol*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-arte-de-gogol/> Acessado em 20/12/2021.

DELEUZE, Gilles. Bartleby ; or, the Formula. In: _____. *Essays Critical and Clinical*, trans. Daniel W. Smith and Michael A. Greco. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. Disponível em:

<https://eclass.uoa.gr/modules/document/file.php/ENL474/Criticism/Melville/Deleuze%2C%20Bartleby%3B%20or%2C%20the%20Formula.pdf> . Acesso em 19/12/2021.

GÓGOL, Nicolai. *O Capote*. Adaptação de Gian Danton. Disponível em <https://lelivros.love/book/baixar-livro-o-capote-nikolai-gogol-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> Acesso em 19/12/2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação Internacional de Doenças*. 11ª Edição. 2021. Disponível em <https://www.who.int/classifications/icd/en/> Acessado em 20/12/2021

SHAKESPEARE, William. *O Mercador de Veneza*. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/cv000094.pdf> Acessado em 20/12/2021

SUZUKI, Marcio. O filósofo que ri e o humorista, segundo Kant. *A Palo Seco*. Grupo de Estudos de Filosofia e Literatura/Universidade Federal de Sergipe. Ano 5, n. 5, Vol. 2, 2013. p. 9. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/5125> Acessado em 08/07/2021

VATICANO. *Carta apostólica E Sancti Tomae Mori sob forma de motu próprio para proclamação de S. Tomás Moro patrono dos governantes e dos políticos*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_20001031_thomas-more.html Acessado em 22/12/2021.

VERITAE. Síndrome de Burnout passará a ser doença do trabalho em 2022. Disponível em <http://www.veritae.com.br/noticias/arquivos/noticia%20-%202020623.htm> Acessado em 22/12/2021